

Distribuição espacial dos casos de esquistossomose no estado de Sergipe: análise das tendências 2010-2014.

Marília M. B. L. Silva¹; Carla V. V. Rollemberg²; Felipe P. de Melo³; Rosemeri M. e Souza⁴

^{1,3} Bolsista doutorado, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Sergipe, Av. Marechal Rondon, S/n 49100-000, São Cristóvão, SE, Brasil. Email: mariliawill@hotmail.com. ² Universidade Tiradentes, Curso de Medicina, Av. Murilo Dantas, 300, 49032-490 Aracaju, SE, Brasil. Email: caca_viginia@yahoo.com.br. ⁴ Professora Doutora, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Sergipe, Av. Marechal Rondon, S/n 49100-000, São Cristóvão, SE, Brasil. Email: rome@ufs.com

A esquistossomose é antropozoonose das mais difundidas no mundo, sendo uma das poucas enfermidades cuja ocorrência continua a aumentar. As áreas endêmicas e focais da esquistossomose ocorrem principalmente em países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento onde a população é submetida a condições socioeconômicas que a expõe a maiores risco de contaminação. O processo de urbanização desordenado permite, nas cidades em seus centros periféricos sem infraestrutura de saneamento básico e alimentado pelo processo migratório, à escalada da doença em um espaço inteiramente novo (ROLLEMBERG; SILVA et al, 2011). No Brasil, cerca de 25 milhões de pessoas vivem em áreas sob o risco de contrair a endemia, sobretudo, em estados das regiões Nordeste e Sudeste. O estado de Sergipe, no nordeste do Brasil, apresenta uma das maiores prevalências da endemia na federação (Secretaria de Vigilância em Saúde - SVS, 2014). Nesta perspectiva, o presente estudo objetiva analisar a prevalência da esquistossomose mansônica em população que vive em área vulnerável e apontar tendência de casos da doença por territórios de planejamento do estado de Sergipe no período de 2010 a 2014. Inicialmente, a partir da base de dados do Programa de Controle da Esquistossomose (PCE), espacializou-se a distribuição da doença no estado. Em seguida, o modelo geoestatístico por interpolação Inverso da Distância Ponderada- IDW identificou pontos “quentes de ocorrência da endemia. Posteriormente, analisou-se a tendência para cada território pelo modelo de regressão polinomial. Na análise temporal, 2010 a 2014, quase não foi evidenciada mudança no perfil epidemiológico do estado, 8,18%, 9,23%, 7,6%, 8,12% e 6,37%. Sendo diagnosticados 28.950 casos de positividade para esquistossomose na população examinada. Indivíduos foram diagnosticados com esquistossomose em 48 dos 75 municípios existentes no estado, e está distribuída em áreas endêmicas e focais - sete, de oito, dos territórios estaduais, apontando a endemicidade da doença no estado. O estudo reconheceu municípios onde a prevalência aumentou significativamente, a saber, o município de Capela, no Leste Sergipano, com prevalência de 19,74% em 2010 e 43,86% em 2013. Somado a isso, verificou municípios onde os índices se mantiveram altos e constantes para todos os anos deste estudo, como é o caso de São Cristóvão, com prevalências de 25,10%, 31,78%, 30,21%, 26,54% e 17,68 respectivamente. As curvas de tendência apresentaram comportamento desiguais, apontando situações diferenciadas de risco no estado. Os produtos gerados por este estudo constituem uma importante contribuição para propostas de planejamento e gestão de ações integradoras visando mitigar a

esquistossomose no estado de Sergipe. Como também, acredita-se que as técnicas de espacialização utilizadas, provavelmente, servirão como auxílio à atual metodologia utilizada pela Secretaria de Vigilância em Saúde visando um eficaz controle da doença.

Palavras- chave: Geografia e Saúde; Esquistossomose; Geoprocessamento.